

As novas linguagens na educação básica: propostas metodológicas

Sousa e Silva, Dalmo de O. (UMESP) Orientador do Projeto
Almeida, Adilson R. (UMESP) Pesquisador

RESUMO

A intenção deste trabalho é compartilhar uma proposta metodológica que surgiu, cresceu e amadureceu com a experiência das pesquisas realizadas durante a atividade do Projeto Semear: Artes, Ciências e Educação, que se deu durante os anos de 1999 à 2001. Este projeto foi uma atividade de pesquisa e extensão Universitária da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) que buscou, durante sua realização, atender crianças e jovens, na sua grande maioria moradores de regiões da periferia da cidade de São Paulo.

O projeto Semear, durante sua realização, teve como principal objetivo buscar desenvolver e aplicar suportes pedagógicos e educacionais que possibilitassem que estes jovens se utilizassem das novas linguagens como meio e fim para a construção e ampliação de um conhecimento voltado a sua realidade social e aos questionamentos do mundo que o cerca.

Na direção deste objetivo foram criadas oficinas temáticas que buscaram trabalhar estas linguagens em um contexto de educação não formal e que fossem voltadas, principalmente, para o aprimoramento da sensibilidade estética do participante, ao mesmo tempo que procuravam traçar caminhos que possibilitassem a estes desenvolver estruturas próprias de criação, leitura e análise destas linguagens, guiando-os e incentivando-os a conceber uma consciência mais crítica sobre seu papel na família, na escola e na sociedade.

As principais linguagens utilizadas para o alcance destes objetivos foram: cinematográfica, televisiva, radiofônica, fotográfica, teatral, musical, expressão plástica visual e corporal. Estas linguagens foram selecionadas e utilizadas principalmente porque, no processo que permeia o ambiente da educação básica (e mesmo na formação de professores), na maioria das vezes não há, infelizmente, uma efetiva preocupação em desenvolver na criança a sensibilidade e o senso crítico necessário ao aprimoramento da sua maneira

(modo, possibilidade) de ler e ver o mundo que, por sua vez, poderia levá-la a possuir uma “leitura” e um “olhar” menos passivo e mais atuante - participante – “no” e “do” processo de concepção e construção do seu “eu”.

INTRODUÇÃO: UMA BREVE DESCRIÇÃO DO PROJETO SEMEAR: ARTE, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO

O Projeto Semear é um projeto interdisciplinar que contempla o desenvolvimento humano nas perspectivas psico-sociais e que visa, mediante o acesso a informações básicas sobre arte, ciência e educação e participação em ações que valorizam o sentido da cidadania, criar subsídios que levem a melhora da qualidade de vida da população atendida e o desenvolvimento e aprofundamento de projetos de pesquisas universitárias.

Tem como objetivo atender a comunidade da região do Grande ABC, buscando uma maior interação entre a comunidade e a universidade Metodista de São Paulo. Desse modo, todo o conhecimento proporcionado pela Universidade tornar-se-á fator de utilidade para o desenvolvimento da sociedade (e vice-versa).

As oficinas desenvolvidas no projeto propõem sempre uma discussão e reflexão do papel do ser humano na sociedade, dos princípios de cidadania, da educação do olhar, ouvir e sentir, como eixos de pesquisa e diálogo social.

Objetivos do Projeto:

1. Identificar, desenvolver e adequar, dentro do campo da pesquisa, estratégias de trabalho e metodologias que sejam úteis e necessárias à construção de um saber voltado às práticas de uma educação cidadã.
2. Despertar o senso crítico por meio de atividades que tenham como base de elaboração a realidade da comunidade em que o projeto está inserido.
3. Levar crianças e jovens a uma relação dialógica e interativa entre educação e seu meio para a construção de um saber voltado às práticas de cidadania.

4. Levar a criança a se conscientizar da importância da arte e do seu papel dentro do desenvolvimento da qualidade de vida.
5. Resgatar , recuperar e estimular o potencial criativo na criança e no jovem por meio de atividades lúdicas e pedagógicas.

JUSTIFICATIVA

Diante do atual cenário sócio/político/econômico/cultural/educacional em que a sociedade civil se vê inserida, cada vez mais diminuem as perspectivas de que, aqueles que se vêem excluídos, venham a obter as possibilidades de alcançar um real desenvolvimento da sua responsabilidade social e, por conseguinte, melhores condições de vida.

Em se tratando das crises dos paradigmas ideológicos observa-se que, o mundo do trabalho, da educação e das relações sociais vem se tornando vulnerável as turbulências econômicas impostas (ou motivadas) pelo processo da globalização.

No fim desta cadeia estão aqueles que, de uma maneira ou de outra, não conseguiram (ou não tiveram oportunidades) de se adaptar às rápidas mudanças ocorridas.

Dentro deste contexto, pouco estimulador, encontramos realidades em que a escola formal procura atender às ideologias dominantes. De uma educação formal que não atende à expectativa do homem como ser total, pleno e absoluto. Numa sociedade que fomenta a competição, a escola foi praticamente “obrigada” a acompanhar às exigências de mão de obra e conhecimento tecnizados – e, por conseguinte, pouco criativos – que o mercado necessita para subsistência. Conhecimento este que “*é uma forma particular de abstração*”. A escola formal, por meio de seus currículos e objetivos, possui efeitos paralisantes que muitas vezes repetem um discurso autoritário, no sentido de atender à demanda de um saber sistematizado, desconsiderando as experiências, vivências e histórias de vida daqueles que utilizam suas práticas educacionais.

Deixando de lado as bases formadoras de um pensamento indagativo e questionador (fator este indispensável para o crescimento pessoal/intelectual) a

escola “deixou de abrir portas e fechou janelas” para o mundo daqueles que, buscando nela a formação de um caminho próprio, acabaram por encontrar apenas estradas prontas que, além de não corresponder às suas realidades e expectativas de superar desafios, tolham suas possibilidades de avanço com obstáculos (entenda-se metodologias...) extremamente improdutivos, enfadonhos e repetitivos.

A arte (e suas novas linguagens) , vista apenas como forma de lazer e desprovida de suas propriedades cognitivas (estimuladoras dos processos de construção e da criação de um conhecimento pautado em valores éticos e morais, os quais contemplam o indivíduo na sua totalidade e expressão) foi rebaixadas a um nível inferior de importância, passando a buscar como resultado de seu desenvolvimento, produtos que, facilmente identificáveis, práticos e descartáveis (fatores essenciais ao mercado de consumo), pudessem ser “fabricados e reproduzidos” em série nas linhas de produção instaladas nas empresas e escolas de nosso país.

Neste contexto se desenvolve então uma “pedagogia da alienação” que, tendo como base projetos educacionais fugazes, efêmeros e passageiros, não garante a eficácia de uma educação transformadora e que não leva, na maioria das vezes, o indivíduo a interagir, gerir e conceber uma sociedade justa, dentro de um modelo participativo e democrático. Já que

existe inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre, de um lado, os saberes desunidos, divididos, compartimentados e, de outro, as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários. Essa inadequação torna invisíveis: o contexto, o global, o multidimensional e o complexo¹,

apenas formando mentes que

¹ DUARTE, Junior, João Francisco. Porque Arte-Educação? Ed. Campinas: 1991

perdem suas aptidões naturais para contextualizar os saberes, do mesmo modo que para integrá-los em seus conjuntos naturais. O enfraquecimento da percepção do global conduz ao enfraquecimento da responsabilidade (cada qual tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada), assim como ao enfraquecimento da solidariedade (cada qual não mais sente os vínculos com seus concidadãos)².

Neste sentido a educação pela arte(es) é a estratégia encontrada para constituir – neste campo de saber – as relações do processo ensino-aprendizagem que estabelecem o diálogo entre apreciar, fazer e construir a trajetória do aluno no espaço escolar. Para tanto é verificado a importância de potencializar estratégias que contemplem o indivíduo com seus questionamentos e reflexões acerca do mundo e da sociedade que em que está inserido. Uma vez que a

...arte-educação não significa o treino para alguém se tornar um artista, não significa a aprendizagem de uma técnica, num dado ramo das artes. Antes, quer significar uma educação que tenha a arte como uma das suas principais aliadas. Uma educação que permita uma maior sensibilidade para o mundo em volta de cada um de nós³.

Deste modo esta proposta metodológica apresenta-se como um jogo multifacetado que abre perspectivas de auxílio ao educando seja por meio de experiências estéticas, seja por operações cognitivas ou ainda por meio de associação e transferência de conceitos e idéias que levem a resultados de um conhecimento plural. Permitindo assim, uma maior possibilidade de construção de um saber não apenas aplicado a práticas e ações repetitivas e

² IBIDEM 1

³ IBIDEM 1

vazias, mas sim que busquem o verdadeiro sentido do conhecimento. Fontes de conhecimento que resgatem o homem e a sua relação com o mundo, tanto no sentido épico e poético quanto na perspectiva de uma reflexão mais emblemática acerca de uma sociedade que prioriza o “Ter” em detrimento do “Ser”.

As oficinas do projeto:

Uma das ações encontradas para justificar a aplicação de estratégias que venham a contribuir num projeto de desenvolvimento pessoal e social da criança e do adolescente apresenta a construção da cidadania como objetivo geral, fato este que se efetiva em criar no jovem atitudes e qualidades que devem ser desenvolvidas a partir da idéia de uma educação para vida.

Neste sentido as oficinas do projeto buscaram nomear e priorizar competências como criatividade, criticidade, autonomia, liberdade de expressão, solidariedade, domínio da leitura e escrita, capacidade de analisar, sintetizar e interpretar dados, fazer cálculos, planejar, trabalhar em grupo, resolver problemas, e atuar em seu entorno social, na busca de práticas e soluções que levassem seus participantes a ampliar sua visão de mundo e construir um projeto de vida.

Dentre as diversas oficinas do projeto podemos citar:

1) Artes Plásticas (desenho e pintura):

Objetivos:

- Desenvolver a capacidade criativa e expressiva, por meio de exercícios de desenho e pintura, levando crianças e adolescentes a reconhecer e utilizar os conceitos de linha, textura, cor e luminosidade.
 - Estabelecer relações entre espaço, superfície e volume.
-

- Apreciar as combinações compositivas e dimensões estéticas, artísticas e históricas.
- Expressar, por diversos meios dos elementos da visualidade, as relações compositivas.
- Ampliar o universo artístico da criança e do adolescente através da apreciação de obras dos grandes mestres da pintura e do desenho.
- Levar a criança e o adolescente a perceber as relações existentes entre a vida e a arte
- Fazer com que o participante pesquise, resgate e valorize a produção artística local

2) Oficina de Jornal

Objetivos:

- Introduzir a criança e o jovem ao meio de comunicação jornalístico através da leitura, interpretação e produção de textos, contribuindo para que os propósitos reais da leitura sejam resgatados pelos alunos que freqüentam o Projeto, com a introdução sistemática da leitura de jornais de grande circulação e da região
- Desenvolver atividades que considerem os interesses dos alunos para a elaboração de um jornal (e/ou jornal mural e encarte), orientando-os em relação ao “fundamental e necessário” para que o produto, no caso o jornal, tenha as características próprias de seu realizador e seja um instrumento para divulgar informações, opiniões, descobertas, acontecimentos e produções dos alunos, promovendo o intercâmbio entre a comunidade.
- Promover atividades de pesquisa em revistas, jornais, livros de história, internet e outras fontes, para a confecção de jornais.

3) Oficina de Literatura Infanto-Juvenil

Objetivos:

- Estimular a criança e o adolescente a perceber a literatura infanto-juvenil como espaço de conversas e descobertas entre a vida interior e exterior de cada um; despertar e manter o gosto pela leitura através do contato/manuseio do livro, criar o prazer da leitura e, ao mesmo tempo, motivar o aparecimento do leitor novo.
- Despertar e manter o gosto pela leitura, através do contato e manuseio do livro.
- Despertar a capacidade crítica e analítica através de práticas da literatura infanto-juvenil.
- Resgatar o potencial criativo das crianças envolvidas nas atividades de literatura.
- Analisar as produções feitas pelas crianças, no sentido de despertar para novos discursos literários, a partir da perspectiva da criatividade.

4) Oficina de Teatro

- Ampliar a percepção de si próprio e do outro
- Expressar sentimentos, emoções e valores por meio de atividades lúdico/pedagógicas.
- Expressar a auto-imagem como forma de representação pessoal e grupal.
- Identificar o movimento corporal como uma linguagem de expressão
- Possibilitar ao participante narrar, por meio da dramaticidade, um contexto social (família, escola, trabalho, comunidade, etc)
- Criar um grupo teatral.

5) Oficina de Música

- Desenvolver a acuidade auditiva e predispor-la ao reconhecimento das impressões sonoras
- Classificar e comparar os diversos sons produzidos em ambientes como as paisagens urbana e rural.
- Desenvolver o senso rítmico e o conceito de pulsação seguido gradualmente para estruturas mais complexas, tais como a teoria vinculada ao aprendizado da grafia musical.
- Analisar a estrutura musical reconhecendo formas; discriminação dos elementos sonoros como altura, duração, intensidade, timbre e ritmos; ampliação e organização do repertório
- Resgatar a produção musical local.
- Construir instrumentos de percussão com material sucata, auxiliando o desenvolvimento do senso rítmico e propiciando a formação de uma banda.
- Utilizar a flauta doce como parte do processo de musicalização, educação do ouvir e como prática instrumental.
- Criar um grupo coral.

6) Videofoto

-
- Conhecer e analisar a linguagem fotográfica e fílmica
- Desenvolver a pedagogia da imagem
- Capacitar tecnicamente a criança e o adolescente na produção e uso das linguagens visuais.
- Construir com sucatas os suportes necessários para captação de imagens.
- Desenvolver a criatividade e a competência técnica por meio da produção de fotografias “pinhole”.
- Contribuir para o despertar de uma consciência crítica das crianças e adolescentes a partir do contexto de vida que as envolve;

- Criar situações interdisciplinares que explicitem as diferentes maneiras de “ver” o mundo;
- Proporcionar ao participante a oportunidade de expressar a “sua” visão de mundo através de produção fotográfica.
- Produzir e documentar, por meio de imagens em movimento, a história de vida da comunidade.

EDUCAÇÃO: A CURA PARA OS MALES ?

Basta um rápido passeio pelas ruas das grandes cidades do país para notar a situação precária de centenas de marginalizados. São pessoas que não possuem seu espaço no sistema de mercado neoliberal.

Há uma crescente polarização da sociedade. De um lado, setores sociais bem educados, ou seja, com acesso livre a propostas e metodologias pedagógicas de qualidade. Do outro, centenas de analfabetos e semi-analfabetos excluídos da Escola pela repetência e o fracasso escolar.

As causas dessa crise social que aflige o Brasil são muitas, mas as soluções para tais problemas passam, necessariamente, pela reformulação do sistema educacional no país. Os problemas educacionais não se restringem apenas ao Brasil, mas, no geral, atingem toda a América Latina - herdeira dos planos educacionais lançados por suas metrópoles (Espanha e Portugal), no período colonial. Nessas ex-colônias, até hoje, o saldo educacional é negativo, pois mesmo em países com uma extensa rede escolar, o déficit de alfabetização e de educação elementar é enorme. “Em meados da década de 1980, os melhores níveis se registravam na Argentina e no Uruguai, países em que a taxa de analfabetismo não ultrapassa aos 10% e a escolaridade elementar alcança 90% da população em idade escolar. A seguir, vêm Chile, Costa Rica e Cuba, com uma taxa de analfabetismo da ordem de 20%. Os mais baixos níveis ficam com Haiti, com 90% de analfabetos, seguido da Bolívia, da Guatemala e de Honduras, com 50%” (1). É pena que em vinte anos esses dados ainda permaneçam válidos !

No caso particular do Brasil, convém lembrar que a Educação de 07 a 14 anos “é um direito do cidadão e um dever do Estado”, porém as condições para que a lei seja posta em prática não são as melhores. O ensino público anda ameaçado por uma política econômica que insiste em descartar o ser social. A Educação pública é vista como o meio para formar mão-de-obra barata, qualificada e não-pensante, porém nem mesmo essa meta tem sido alcançada plenamente.

A crise social está afetando as idéias a respeito da Escola, do trabalho e do lazer, dos papéis sexuais, da repressão “legítima”- ordenada pelo Estado, de participação e direitos políticos, e assim por diante. A inversão dos valores sociais levam a uma discussão sobre a Educação, porém essa reflexão tem sido tratada de forma muito genérica, é preciso indicar caminhos e se possível, soluções (APPLE, 1989, p. 19)

“A Educação deve visar ao pleno desenvolvimento da personalidade humana e ao fortalecimento do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais. Ela deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, assim como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz”. Este trecho da Declaração Universal dos Direitos do Homem mostra uma versão desconexa entre o discurso e a prática educacional.

Diversas vezes, as práticas educacionais na conformação do ambiente globalizado e tecnológico acaba por gerar conflitos. É preciso aceitar que a Escola está no meio dessas contradições e não pode ser mais encarada, como antes o fora. Para que a instituição seja o instrumento de democracia e igualdade é necessário que ela se humanize e constate que o aluno não é um ser social passivo e pronto a ser moldado pela reprodução de conteúdos. A Instituição escolar muitas vezes age como um meio transmissor de conteúdos vazios, incapaz de adaptar-se a realidade social de suas localidades.

A busca por novos métodos educativos se faz emergente. Um dos caminhos está na utilização da Arte e do processo criativo para o

desenvolvimento da noção de cidadania. É o momento de apostar no capital cultural de um país.

Quando as mais variadas abordagens educacionais são voltadas para a construção das competências e habilidades necessárias ao desenvolvimento cognitivo, bem como à apropriação progressiva dos conceitos científicos essenciais em cada área do conhecimento, faz-se necessário atribuir novos significados para a aprendizagem do educando. Nesta direção é preciso reelaborar, re discutir, repensar um projeto pedagógico para a educação básica que possa garantir, efetivar e constituir novas práticas e estratégias que se utilizem das novas linguagens e que sejam atreladas ao fundamento e a essência da organização curricular das suas disciplinas.

Deste modo, os profissionais da Educação Básica precisam compreender que não há um ideal cultural para, assim, não mais projetar o aluno para o que acaba sendo uma utopia cultural mas, sim, levá-lo a compreender, desenvolver relações, contextualizar e interpretar problemas da realidade social, para que ele se aproprie do conhecimento como ferramenta para a criação de possibilidades e ações voltadas a sua melhoria de vida.

Já a escola, como instituição de ensino, precisa levar em conta as múltiplas mediações existentes nas mais diversas localidades em que ela atua. A Escola enfrenta dificuldades em aceitar ser um centro irradiador de cultura, pois sempre está a procura de uma “cultura erudita” que muitas vezes não preenche as necessidades de sua clientela local.

PLURALIDADE CULTURAL E INTERDISCIPLINARIDADE: O CAMINHO PARA ARTE

O Brasil e toda a América Latina é um grande “caldeirão” étnico-cultural. Raças e culturas mesclam-se no dia-a-dia (FERREIRA:1995, p. 29). Os projetos educacionais, no período colonial, nunca levaram esse fator em consideração. O que se implementou foi a sobreposição de uma cultura européia sobre as outras. Os bons e maus resultados vindos do sincretismo,

pode-se dizer, que foram frutos do acaso. Nunca o sistema educacional pensou as diversas culturas e, principalmente, as culturas populares.

Passados séculos, a Educação ainda não perdeu certos estigmas que permanecem até hoje. A Escola sempre foi idealizada como o lugar onde as diferenças deveriam ser anuladas. O aluno é considerado como uma “tabula rasa”, onde o professor (“detentor da verdade”) despeja conteúdos de uma “cultura erudita”. No entanto, pesquisadores e educadores, atualmente, entendem que as diferenças culturais não podem se mais desqualificadas e que os alunos possuem seus próprios universos culturais.

A Escola (e a educação básica) precisa assumir seu papel frente a comunidade em que está. O aluno só irá estabelecer relações com sistema de aprendizagem se este fixar laços de identificação, ou seja, a Escola deve estar presente e atuante no contexto social de sua clientela.

O uso das mediações é imprescindível para o sucesso da novas técnicas pedagógicas. A interdisciplinaridade tão defendida, por vários educadores, é mesmo uma porta aberta para a renovação do ensino.

O mundo globalizado é também o lugar do “tudo ao mesmo tempo e agora” não há mais espaço para a fragmentação ou compartimentarização do Conhecimento. As várias formas do Saber precisam estabelecer conexões.

Os conteúdos apreendidos necessitam ser uma forte carga de significados para o receptor. As diversas disciplinas implementadas pelo “conhecer escolar” devem ser concatenadas e possuir utilização no panorama social do aluno. Não se trata de eleger prioridades disciplinares, mas de buscar as intersecções do Conhecer (NADAI: 1988, p. 41).

Por essa razão, é preciso haver uma nova postura educacional. Entre os requisitos dessa renovação está o respeitar e privilegiar as “diferenças”. Os aspectos culturais de uma determinada localidade devem ser ressaltados, para que essa comunidade apreenda sua identidade. O respeito e a compreensão do ser social é o caminho para a cidadania.

Uma alternativa que a cada instante surge com mais vigor é o emprego da Arte para o ato de educar.

Através de processos artísticos o aluno pode exercitar sua criatividade. Convém lembrar que a criatividade surge a partir do momento em que a Escola consegue perpetuar um sentimento de contínua descoberta no aluno. Essa contínua descoberta, proporcionada pela Arte pode levar este aluno a descobrir-se como indivíduo pluricultural, ou seja, através da expressão artística o aluno pode tomar consciência de suas especificidades culturais e de seu lugar no contexto social. Seria, enfim, o despertar da cidadania.

A Arte pode aproximar indivíduos, pode conscientizar almas, tocar mais fundo os sentimentos e pode ser encarada como um elemento interdisciplinar no ambiente escolar. A recuperação das culturas populares pode ser a grande beneficiária do empreendimento da Arte na Educação Básica, pois nos códigos comunicacionais usados pelos agentes produtores dessa cultura está o ato de admirar-se como o mundo e este é elemento primordial para a sensibilização artística.

Desse modo, a expressão artística torna-se mediação não para que a Escola leve o aluno ao “centro da cultura”, mas para que ela o possa guiar para a compreensão de si e de sua comunidade.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DO OLHAR ENQUANTO PROPOSTA METODOLÓGICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Não se pode negar que a maior parte de nossa vida está relacionada, de uma maneira ou de outra, com a possibilidade da visão:

Estamos cercados por um dilúvio de imagens. Seu número é tão grande, estão presentes tão “naturalmente”, são tão fáceis de consumir que nos esquecemos que são o produto de múltiplas manipulações, complexas, às vezes muito elaboradas. O desafio da análise talvez seja reforçar o deslumbramento do espectador, quando merece ficar maravilhado, mas tornando-o um

deslumbramento participante... (Vanoye e Goliot-Lété, 1994: 32).

A cada dia mais e mais as imagens se tornam presenças constantes em nossa realidade, inundando nossos sentidos com milhares de informações expostas na televisão, nos textos publicitários dos meios de comunicação, nos outdoors, nas revistas e nos jornais, as quais, queiramos ou não, acabam por influenciar nosso modo de interagir com o mundo:

Após a disseminação do cinema e mais tarde da TV, o sentido da visão parece reinar sobre os outros sentidos humanos. Em função disso, até a velocidade dos acontecimentos cotidianos tem sido acelerada. Com as infovias (internet), as informações – e, com elas, as imagens – percorrem o globo terrestre em segundos. As imagens são simultâneas, criando uma sensação de nulidade do tempo e da distância. (SOUSA E SILVA, 2001:103)

Neste sentido, a maior parte do conhecimento que adquirimos tende a passar pelo processo da recepção e decodificação das imagens como um processo inconsciente, passível de múltiplas manipulações e interpretações, muitas vezes alienantes, em que "o espectador, arrebatado pelos aspectos pseudológicos e afetivos da narrativa, não tem a possibilidade de refletir ou assumir um distanciamento crítico com relação à visão de mundo que lhe é apresentada." (VANOYE E GOLIOT-LÉTÉ, 1994: 32).

Quando direcionamos estes questionamentos para o campo da educação básica, percebemos que, infelizmente, há poucos planejamentos que se preocupem em desenvolver no aluno a sensibilidade e o senso crítico

necessários ao aprimoramento da sua maneira (modo, possibilidade) de “ver” o mundo.

O termo “criticar” não comporta, neste contexto, conotação avaliativa, nada ou pouco tem a ver com a crítica em si; interessa-se, sim, pela produção dos sentidos⁴, já que, influenciados por nossa própria realidade de vida e guiados pela **mídia**, limitamos o alcance de nosso olhar, deixamos de perceber que “a lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc., constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem”(Bakhtin, 1999:36)

Cada vez mais o olhar ocupa papel de destaque na transmissão de conceitos e informações e possuir um “olhar” mais atuante “no” e “do” processo comunicacional (que domina a veiculação e a distribuição da imagem/informação) passa a ser fator relevante de evolução:

Falta uma alfabetização visual, o visual está dominando o mundo contemporâneo. Precisamos aprender a ler a imagem, para não sermos presa fácil de um conhecimento subliminar. Segundo uma pesquisa francesa, 82% do que nós aprendemos é através do visual. Desses 82%, 51% se aprende inconscientemente. (BARBOSA, 1984: 25)

Para que possamos perceber novas formas de “olhar” e perceber o mundo (e o que verdadeiramente acontece nele), para que possamos desencadear processos próprios de construção, avaliação e seleção de

conhecimentos, temos de desenvolver nossas capacidades ligadas à sensibilidade e à criatividade, o que nos permitirá uma "real" capacidade de recepção, decodificação e seleção das imagens e informações a que somos constantemente submetidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A projeção da cultura para além do universo do aluno sempre foi uma das marcas da Escola, porém essa práxis não possui mais lugar dentro dos novos problemas que devem ser enfrentados pelo ambiente escolar. A Escola deve assumir-se como centro cultural da localidade em que está inserida. Além de preservar a individualidade ("as diferenças") de cada membro de seu corpus. A pluralidade cultural e a interdisciplinaridade são elementos que só podem contribuir para a formação de cidadãos conscientizados.

Um *modus operandi* para lidar com a pluralidade cultural e interdisciplinaridade é o emprego das múltiplas manifestações artísticas. Dessa vez, a Arte seria a porta de entrada para o mundo dos processos criativos. O ato de criar deve ser visto como meio humanizador e revitalizador das diversas culturas existentes. Ao criar manifestações artísticas que estabeleçam correlações com seu cotidiano, o educando apropria-se de seu universo e reelabora novos conceitos. O aluno aprende a expressar-se para o conhecimento de si e do outro. A Arte funciona como mediação perfeita para o Conhecer, ao passo que engendra a consciência cidadã aos membros da comunidade escolar.

BIBLIOGRAFIA

APPLE, Michael. **Educação e poder**. Trad. Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Cortez/Autores Associados. Uberlândia: Universidade de Uberlândia, 1981

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

MORIN, EDGAR. Os sete saberes necessários a educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.

NADAI, Elza. *A prática do ensino e a democratização da escola*. In: CARVALHO, Ana Maria (coord.) **A formação do professor e a prática de ensino**. São Paulo: Pioneira, 1988

NERIS, Rodrigo. *O papel da arte nos novos caminhos da educação*. In: AJZENBERG, Elza (coord.). **Arte e Ciência : descoberta/descobrimientos - Terra Brasilis**, São Paulo: ECA/USP, 1999

VANOYE, Francis. Goliot-lété, Anne. **Ensaio sobre a Análise Fílmica**. Campinas: Papyrus, 1994

Salto para o Futuro: Educação do Olhar/Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, SEED, 1998